

ARTHUR DAPIEVE

Pobre menino rico

• A revista "Mad" tem — ou tinha — uma seção chamada "Não dá para ter pena dessa gente". Nela, por exemplo, um homem muito gordo se queixava de iria ter que dar um tempo no caviar para emagrecer dois quilos e caber no terno Armani que comprara sob medida. Ou seja, não dava para ter pena dele. Hoje em dia, a seleção brasileira de futebol também tem a sua seção "Não dá para ter pena dessa gente". Estrela da seção: Ronaldinho.

O moço não tem nem 21 anos ainda, tem um contrato com a Nike que lhe garante ao menos US\$ 500 mil mensais até a morte e ainda por cima come a Susana Werner. No entanto, está deprimido. Deprimido por causa das frenéticas negociações que vão acrescentar mais alguns milhões de dólares à sua conta bancária graças à transferência do Barcelona catalão para o Internacional de Milão. Por conta dessa depressão, Ronaldinho não tem jogado um centésimo do que sabe jogar e tem se deprimido 150 milhões de brasileiros postados diante da TV para testemunhar peladas contra a Noruega e a França, essas superpotências do futebol mundial. Ok, ok, a seleção não é só, ou ao menos não deveria ser só, Ronaldinho. Afinal, a seleção nunca foi só Pelé ou Garrincha. Mas eles estavam lá quando a gente precisava deles. Ronaldinho também deveria estar. Não está. Está alheio, imerso em milhões de dólares e louros gostosinhos. Coltado.

Alguém aí vai dizer "poxa, que materialismo, dinheiro não traz felicidade, não é só porque o cara ganha os tubos que vai ser feliz...". Tá bom. Dinheiro não é tudo, fama não é tudo, a Susana Werner não é tudo, Ronaldinho está sentindo um vazio interior, está querendo enriquecer a nível de ser humano, saca? Não vou nem chegar ao ponto de um colega aqui da redação, que sugeriu que o problema do Ronaldinho poderia ser resolvido pelo Célio Silva e um tubo tamanho família de comida japonesa. Não é por aí. Ronaldinho é espada, como diria o nobre colega filósofo Agamenon Mendes Pedreira.

A questão é que jogador de futebol brasileiro — e não somente o Júnior Baiano — é um bicho muito do mimado. Fica deprimido à toa e, pior, com reflexos perniciosos em seu trabalho. Sim, jogar bola em troca de dinheiro é um trabalho como qualquer outro, como varrer ruas ou dar aulas. "Ah, não sei, tou meio deprê, não tou a fim de fechar jornal e escrever coluna hoje não...", seria frescura, justa causa. Quando o Michael Jordan ficou realmente deprimido, largou o basquete e foi jogar beisebol, não ficou ensabendo.

Passamos demais a mão na cabeça de jogador de futebol. Tornamos como dogma, por exemplo, que os nossos calendários são escorchantes e nossos astros vivos cansados. Ora, e os jogadores da NBA? Disputam 82 jogos por ano só na temporada regular, isto é, entre novembro e abril, antes da fase final, os playoffs. Eles jogam em dias seguidos ou, mais comumente, jogam dia sim dia não. E apesar de o basquete ser esporte fisicamente muito mais intenso que o futebol, eles rendem melhor quanto menos descansam. Recentemente uma pesquisa mostrou que Michael Jordan — Deus, para os íntimos — joga ainda

mais bola se o faz em dias seguidos. Não me lembro dos números exatos, mas a ideia geral era a seguinte: jogando em dias consecutivos, Mike marca em média 30,5 pontos por partida; se ele descansa um dia antes do jogo, a média cai para 29,8 pontos; se ele descansa dois dias, desce para 27,1 pontos; e por aí vai. Para os superprofissionais superletas da Liga Americana de Basquete Profissional, a NBA, atividade pouca é bobagem.

Em suma, tratamos nossos jogadores de futebol como se eles não fossem nem profissionais e nem atletas. São apenas uns pobres meninos ricos, que podem fazer seu trabalho mal feito porque estão em crise, que podem causar acidentes de trânsito com mortes sem pagarem por isso, que podem até enternecer a nação com seus falsos problemas.

E amanhã ainda pegamos a Itália, mordida pela Inglaterra. Valei-nos, São Genaro.

Eu sei, sou um chato, sofro de espírito-de-porquismo. Para vocês terem uma ideia de como isso é inato em mim: sábado passado, pela primeira vez na vida, comprei fumo, uma caixa com 50 charutos; só depois é que me toquei que o dia 31 de maio é o Dia Mundial de Combate ao Tabagismo, ou coisa parecida. (E olhe que sempre me recusei a ir até a esquina comprar um maço de cigarros sequer para a minha mãe, que, aliás, morreu em decorrência do vício). Sou espírito-de-porco mesmo quando não tenho a intenção de sê-lo. Pelo andar politicamente correto da Humanidade, breve estarei fumando, filiado à KKK e torcendo pelo São Cristóvão.

Sensacional a entrevista dada pelo físico inglês Robert Matthews a Thomas Trautmann, nas páginas amarelas da última "Veja". Matthews se dedica a explicar cientificamente a famosa Lei de Murphy, aquela que reza que "se alguma coisa pode dar errado, dará". O pão do pobre que cai sempre com a manteiga virada para baixo, por exemplo, ganha sentido quando se fala em "torque gravitacional" e outras leis físicas. Para o cientista, os aborrecimentos cotidianos não indicam que o Universo, num movimento antipaulo-coelhiano, conspira contra nós e sim são apenas a concretização de princípios físicos e matemáticos abstratos.

Trocando em miúdos metafísicos (eis a verdadeira filosofia de boatequim, miúdos metafísicos, de preferência com uma caninha). O universo nos é indiferente, não nos ajuda nem nos atrapalha, o universo simplesmente é. Não existe uma força invisível — chamada-na como quiserem — nem para nos redimir nem para nos sabotar. Consolador esse pensamento numa manhã de sábado, não?

E-mail para esta coluna: dapiève@oglobo.com.br

O GLOBO

SEGUNDO CADERNO

EDITOR: Luiz Noronha (noronha@oglobo.com.br)
SUBEDITORES: Carla Lencastre (carla@oglobo.com.br)
e Luiz Henrique Romanholli (roma@oglobo.com.br)
CHEFE DE REPORTAGEM: Sérgio Pugliese
(pugliese@oglobo.com.br)
Telefone/Redação: 534-5000
Publicidade: 534-5500

Manoel de Barros diz 'nada' e Cony faz entrevista na entrega do Prêmio Nestlé

O improviso dos discursos foi a marca da festa, apresentada por Marieta Severo

Daniela Name

Manoel de Barros pediu permissão para dizer nada. Carlos Heitor Cony fez uma entrevista no lugar do discurso. Luiz Alfredo Garcia-Roza agradeceu por terem confiado num "estrangeiro de cabelos brancos". Uma sucessão de bem-vindas quebras de protocolo marcaram a entrega do primeiro Prêmio Nestlé de Literatura, quinta-feira à noite, no Teatro Municipal. A atriz Marieta Severo foi a mestre-de-cerimônias de uma festa que contou com a presença do ministro da Cultura, Francisco Weffort, da presidente da Academia Brasileira de Letras, Nélida Piñón, e do presidente da Fundação Nestlé de Cultura, Antônio Salgado Peres Filho.

— A festa aqui na Biblioteca Nacional é um momento excepcional de um prêmio que teve uma carreira brilhante — disse Weffort, que chegou meia hora adiantado, mas fez uma brincadeira com o tumultuado trânsito carioca. — Deve ter sido o prêmio que provocou o engarrafamento e parou a cidade...

Weffort lamenta que não tem tido tempo para ler

O ministro elogiou os seis vencedores (Manoel de Barros, Cony e Edla Van Steen, na categoria "Consagrados"; Antonio Cicero, Garcia-Roza e Antônio Fernando Borges, na categoria "Estreantes"), mas disse que não tem tido muito tempo para ler.

— Infelizmente, conheço-os de segunda mão, através de resenhas ou comentários de amigos.

Já o acadêmico Eduardo Portella, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, não poupou elogios ao maior homenageado da noite: aplaudido memoravelmente ao receber o prêmio de poesia por seu "Livro sobre nada", Manoel de Barros foi chamado por Portella de "a raiz dobrada sobre o universo, o homem que redimensionou nosso regionalismo". Constrangido com os elogios e o excesso de flashes, o poeta, que só dá entrevista por escrito e vive uma redescoberta pelo mercado aos 80 anos, pediu desculpas para a platéia:



MARIETA SEVERO e Manoel de Barros: tímido, ele só pediu para "dizer nada"

— Estou extremamente nervoso. E vou pedir licença para dizer nada.

A emoção contida de Barros emocionou tanto quanto o convencional discurso de Cony, premiado pelo romance "O piano e a orquestra". O jornalista, que voltou à ficção depois de 20 anos com o autobiográfico "Quase memória", lembrou os tempos de repórter ao receber o prêmio de Claudemir Alexandre Cabral. Em vez de seguir o protocolo, passou o microfone para o garoto de 16 anos, que improvisou uma biblioteca na favela de Paraisópolis, em São Paulo:

— Quero saber mais sobre sua história. Como tudo começou? — Eu aprendi serviços gráficos

e comecei a imprimir livros de graça para minha comunidade — explicou Claudemir.

— E hoje sua biblioteca tem quantos sócios? — indagou Cony, na última de uma série de cinco perguntas.

— Calculo que uns 780 — disse o garoto.

— Esse é meu discurso — concluiu o romancista, muito aplaudido pelo público.

Depois da cerimônia, Cony explicou que não via sentido em agradecer, mais uma vez, "à família, à editora, à Nestlé, a Deus e ao Espírito Santo".

— O Claudemir é que merecia um prêmio. Fiquei sabendo dele na hora da entrega, e o lado jornalista falou mais alto.

NOTAS

• CRÔNICAS EM 98

Maior prêmio em dinheiro da literatura nacional (pagou um total de R\$ 270 mil), o Nestlé pode voltar com força dobrada no ano que vem. O presidente da Fundação Nestlé, Antônio Salgado Peres Filho, confirmou que será criada a categoria "Crônicas". A empresa também deve premiar livros infanto-juvenis.

• ESTRELA DOS BASTIDORES

Primeira leitora dos originais de Manoel de Barros, Antonio Cicero e Antônio Fernando Borges, Luciana Villas-Bôas, diretora editorial da Record, abocanhou 50% do Nestlé — três dos seis vencedores. "Ano que vem, vamos conseguir ainda mais", prometeu Sérgio Machado, dono da editora.

• HOMENAGEM IMORTAL

A ABL se antecipou ao prêmio e, na tarde de anteontem, homenageou dois vencedores: Lygia Fagundes Telles discursou para Cony, e Lúcio Ivo recebeu o prêmio de crítica teatral Sábado Magaldi, colega de Academia.

• PRÍNCIPE CONSORTE

Sábado, aliás, não escondia o orgulho da mulher. E reclamou do machismo de alguns escritores: "Eles acham que vivo no exterior dando palestras. Não acreditam que vou acompanhar a Edla, que não passo de um príncipe consorte."

• MAMÃE ZELOSA

Na véspera do prêmio, a atriz Cássia Kiss quase levou os funcionários da Biblioteca à loucura: ligou dezenas de vezes exigindo uma sala para deixar a filha Maria Cândida, de quatro meses. Não conseguiu, e desfilou com o bebê durante a cerimônia.

A GARANTIA DE UMA MARCA QUE É SINÔNIMO DE EFICIÊNCIA E QUALIDADE.

Somente a Francisco Xavier Imóveis pode oferecer a garantia que você precisa para comprar ou vender seu imóvel. Afinal, são 37 anos de experiência garantindo o seu melhor negócio.

Veja as nossas ofertas, nos Classificados de O Globo; você vai encontrar os melhores imóveis, pelos menores preços e com a maior garantia.

Francisco Xavier Imóveis
Sua garantia imobiliária



apresenta

MARCEL



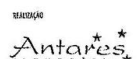
MARCEAU

THEATRO MUNICIPAL

17 e 18 de junho 20h

O MAIOR MÍMICO DE TODOS OS TEMPOS COMEMORANDO 50 ANOS DO PERSONAGEM BIP

Vendas a domicílio
Telefone Clássico 287 3390 Disco Show 221 0515
Diners Cultural Service 0800 784440



Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 - 2º andar, CEP: 20233-900	Informações 205 3104	 HOTEL MARINHO ***** RIO DE JANEIRO	★
---	----------------------	---	---